

DEVIDO À CENSURA ARBITRARIA E IDIOTA DO DIP NOS DESPACHOS VINDOS DO "FRONT"

FAZIA-SE NO BRASIL UMA IDÉIA ERRADA DA GUERRA

OS BRASILEIROS LUTAM E SOFREM NA FRENTE ITALIANA TODOS OS DIAS

Uma Correspondencia de Harry Bagley, da A. P.,
Aprovada Pelo Comando da FEB, Transcrita No
"Cruzeiro do Sul" e Proibida No Brasil Pelos
Censores do DIP

RUBEM BRAGA

(Correspondente de Guerra do DIARIO CARIOCA)
COM A FEB NA ITALIA — estava mal informado. Os cor-
De Rubem Braga, correspon- respondentes de guerra acre-
dente do DIARIO CARIOCA — ditados junto á FEB têm ple-
Via aerea — Março de 1945 — na liberdade de ir á linha de
Saiu publicada ha tempos, no (Conclue na 2ª pag.)
Brasil, uma entrevista cheia
de inexatidões sobre os corres-
pondentes de guerra e seu mo-
do de trabalhar.

O entrevistado, certamente
de boa fé, procurou explicar os
motivos pelos quais o publico
brasileiro não estava sendo, a
certa altura, bem informado
sobre as duras condições de
luta de nossos soldados na Ita-
lia. Disse que só podiamos ir
á frente quando chamados
que não visitamos posições de
infantaria, não temos contac-
to direto e constante com os
soldados, etc.
Não é exato. O entrevistado

- Se que

114.45

- facta: "Correspondencia" 6/3/45 pg 287
" " "Prisioneiros" 10/3/45 pg 317
" " "Passéis na montanha" 10/3/45 pg 321
" " "A patrulha sai" 11/3/45 pg 326
" " "O calor clarindo" março 45 pg 332
" " "No Batalhão Sizeno" março 45 pg 340
" " "No Batalhão Romagem" março 45 pg 347

156

FAZIA-SE NO IDÉIA ERRADA

BRASIL UMA DA GUERRA

(Conclusão da 1ª pag.)

frente, e podem visitar e têm visitado posições avançadas, onde conversam á vontade com soldados e oficiais.

Se a explicação do entrevistado não era exata, qual então o motivo pelo qual o publico ficou, até certa altura (creio que já não acontece o mesmo) fazendo uma idéia tão errada da guerra que os soldados brasileiros estão fazendo?

O principal desses motivos era a censura. Não a censura militar cuja regra é só suprimir o que pode ser util ao inimigo. Mas a censura politica — a censura arbitrária e frequentemente idiota feita aí no Brasil pelo DIP. Vou dar um exemplo concreto do que afirmo.

Em 30 de dezembro, Harry Bagley, correspondente da Associated Press, redigiu um despacho, que transcrevo fielmente:

“Quartel General Avançado da FEB na Italia — (A.P.) —
Oficiais brasileiros no “front” têm recebido cartas do Brasil dizendo que o povo brasileiro pensa que a vida neste “front” deve ser muito facil e agradável.

Houve muitas discussões sobre o assunto em uma reunião de oficiais superiores.

Acidentalmente tive conhecimento disso. Ninguem me pediu para escrever este artigo. Se o povo do Brasil pensa, porém, que a vida na linha de frente é agradável, é tempo de que ele perca essa ilusão.

Esta é uma guerra de balas e bombas, sangue e coração, mortos e feridos. Não se parece de modo algum com as manobras militares das coristas do Casino da Urca.

Se você nunca saiu do Brasil, provavelmente não saberá o que na verdade quer dizer a neve, o chão duro e gelado, as temperaturas abaixo de zero. E certamente não sabe o que é ter as mãos entorpecidas pelo frio e os pés tão endurecidos que não sentimos os dedos quando os agitamos.

O soldado brasileiro que está na linha de frente, dentro de seu “fox-hole” ou de sua trincheira, sabe, agora, o que são essas coisas. Com suas longas e pesadas roupas interiores, camisas e calças grossas, botas, galochões, luvas, meias “suveater”, jaqueta, capotes, capuz de lã, capote de aço e capa de neve — ele luta uma luta perdida contra o inverno.

A's vezes os soldados podem juntar-se para aquecer-se ao fogo dentro de alguma casa ao abrigo das vistas do inimigo — mas geralmente não por muito tempo. Ele dorme vestido no chão ou no assoalho, usualmente com tres cobertores apenas.

Quando nenhuma ação está se desenvolvendo, ele pode muitas vezes receber comida quente — mas deve ficar aguardan-

1.4.45

— segue

152

do a sua vez na fila com o prato e o caneco e depois comer de pé ou acocorado.

O soldado pode permanecer na frente durante semanas sem tomar um banho, tendo como única bacla água seu capacete de aço. Água quente, só em sonhos. Durante semanas ele é obrigado a usar as mesmas roupas e a mesma toalha. Nunca recebe bebidas alcoólicas, embora geralmente tenham bastante cigarro e fumo. Raramente vê uma mulher.

Mesmo os homens estacionados na retaguarda podem ficar sem aquecimento e dispõem só de iluminação a vela, embora geralmente tenham um conforto razoável.

Para os oficiais a vida é muito pouco melhor. Sub-tenentes, tenentes e capitães vivem com seus homens quase exatamente nas mesmas condições. Majores e coroneis — menos numerosos — estão algumas vezes em melhores condições. Não há luxo, nem mesmo para o general Mascarenhas de Moraes, o general Zenobio da Costa e o general Cordeiro de Farias.

Quando tiver somado todos esses desconfortos — e apenas fiz deles um esboço rápido — o leitor deve considerar ainda o fato de que os brasileiros estão lutando contra um inimigo ex-

periente, que tem boas posições, e é rápido e ansioso para matar.

A's vezes a morte vem sem dor — no assobio de uma granada que se arrebenta em estilhaços, furiosos e põe à mostra as tripas de um homem ou espalha seus miolos; ou no tiro silencioso que atinge um ponto vital. Mais frequentemente, porém, o homem morre em agonia, com o sangue escorrendo, pelo chão gelado. Ou sobre a maca, a caminho do hospital, ou ainda na mesa em operação.

Mais numerosos são os que caem feridos, mas continuam vivos, às vezes para voltar à luta, às vezes para ficar mutilados o resto de seus dias.

Você sabe que a guerra é assim — naturalmente. Porque não pensa nisso quando escreve uma carta?

A Força Expedicionária Brasileira não é mencionada com muita frequência nos comunicados diários do Quinto Exército. Não conquistou nem perdeu nenhuma grande extensão de terreno desde que se transferiu para este setor em meados de novembro. Em comparação com as frentes da França e da Rússia, as notícias importantes são raras em qualquer setor da frente italiana.

Isso não significa, entretan-

to, que nada aconteça aqui. Os brasileiros lutam e sofrem todos os dias — e alguns deles morrem."

Esse despacho de Harry Bagley foi aprovado pela censura militar. Uma cópia, mostrada às autoridades da FEB, causou tão boa impressão que foi pedida a Bagley licença para que essa correspondência enganavam: a correspondência fosse transcrita no órgão da FEB, "O Cruzeiro do Sul", o que foi feito no número de 7 de janeiro.

Os soldados da FEB leram essa correspondência e ficaram satisfeitos, porque viam que a imprensa no Brasil estava publicando uma coisa que dava uma idéia fiel da luta e da vida no front. Mas os soldados se enfanavam: a correspondência de Bagley não foi publicada no Brasil, porque a censura do DIP proibiu.

Deixo a vocês os comentários — e deixarei para outra ocasião algumas coisas interessantes sobre as dificuldades que os correspondentes não oficiais encontraram para virem à Itália e outras coisas cómicas e melancólicas que podem acontecer aos homens de imprensa sob um regime totalitário — mesmo quando os homens do povo vêm ao estrangeiro lutar pela Democracia.

4.4.45